



**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GEOGRAFIA**

SIDNEY NUNES DA SILVA

**LINHA DE PESQUISA
O ENSINO DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL E
MÉDIO
O USO DA INTERNET NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA: realidades, desafios e propostas**

GUARABIRA – PB

2014

SIDNEY NUNES DA SILVA

**O USO DA INTERNET NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA: realidades, desafios e propostas**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura em Geografia sob orientação da Professora Ms. Maria Juliana Leopoldino Villar.

GUARABIRA – PB

2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S586s Silva, Sidney Nunes da

O uso da internet no ensino de Geografia da educação básica: realidades, desafios e propostas. / Sidney Nunes da Silva - Guarabira: UEPB, 2014.

29 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba.

SIDNEY NUNES DA SILVA

**O USO DA INTERNET NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA: realidades, desafios e propostas**

Aprovada em 04 de Agosto de 2014

BANCA EXAMINADORA

Maria Juliana Leopoldino Villar

Professora orientadora esp. MARIA JULIANA LEOPOLDINO VILLAR

Especialista em gestão ambiental – UEPB

Professora do departamento de geografia – CH/UEPB

Cléoma Maria Toscano Henriques

Professora examinadora esp. CLÉOMA MARIA TOSCANO HENRIQUES

Especialista em gestão ambiental – UEPB

Professora do departamento de geografia – CH/UEPB

Leandro Paiva do Monte Rodrigues

Professor examinador Msc. LEANDRO PAIVA DO MONTE RODRIGUES

Professora do departamento de geografia – CH/UEPB

Dedico este trabalho aos meus pais, que um dia sonharam com este momento, e hoje com certeza estão felizes por esta conquista.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me permitiu ingressar e concluir este curso.

Aos meus pais Sebastião da Silva Andrade e Maria de Nazaré Nunes da Silva, por quem Deus me deu a vida e estão sempre do meu lado nos momentos bons e difíceis.

Aos meus cinco irmãos.

A Thiago Ramos dos Santos em nome dos meus amigos do dia a dia e menciono também a pessoa de Michel Xavier lembrando todos os meus ex-colegas de sala de aula.

A minha namorada Claudia Floriano.

A Universidade Estadual da Paraíba por ter feito parte dessa história, ficando guardada na minha memória.

A minha orientadora Juliana, e aos demais professores que formam a banca examinadora, Leandro e Cléoma, e a todos os demais professores que desde as séries iniciais até a graduação participaram da minha formação intelectual. Em especial cito aqui os nomes da professora do quarto ano primário Maria Bezerra, da professora Neide do colégio Polivalente, e por fim das professoras Luciene Vieira e Claudia Pinto pela sua contribuição na elaboração desse trabalho.

Aos que aqui mencionei e aos que ficaram no silêncio do meu coração, meu muito obrigado!

RESUMO

A importância que a internet, no âmbito das Novas Tecnologias de Informação (NTICs) e a geografia, no âmbito do conhecimento curricular da educação, tem na formação dos alunos da educação básica, e para a sociedade é inquestionável. Nesse sentido, este artigo propõe como objetivo geral analisar a internet como ferramenta importante para as aulas de Geografia, apontando sugestões de caminhos para o seu uso na educação, no contexto do processo de ensino/aprendizagem de Geografia. O estudo tem como cenário da pesquisa a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho, localizada na cidade de Guarabira/PB. Para sua realização, foi feito um estudo bibliográfico sobre o tema e um estudo de caso, por meio da aplicação de um questionário contendo perguntas sobre os aspectos relacionados à formação, ao perfil profissional dos docentes e ao seus discursos sobre a utilização da internet nas aulas de Geografia. Os resultados obtidos informam que a grande maioria dos entrevistados não faz uso de internet nas suas aulas. Quanto aos critérios, conteúdos e estratégias utilizadas pelos docentes que fazem uso dessa ferramenta, os dados revelam que a sua utilização ainda se restringe a pesquisas temáticas. Para os professores que não fazem uso dessa mídia, os argumentos também deixam refletir o desconhecimento das diferentes maneiras de explorar a Geografia utilizando a web, além de demonstrarem uma concepção equivocada sobre as consequências cognitivas do seu uso, relacionando-o à preguiça e comodismo. Sugere-se, por fim, a busca por uma formação reflexiva sobre o uso de mídias no processo de ensino e aprendizagem, em especial do uso da internet no sentido que estes possam transformar suas aulas em um espaço de interatividade, contextualizado à realidade que seus alunos vivenciam.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia, Internet, Práticas pedagógicas, Educação Básica.

ABSTRACT

The importance of the internet as part of the New Information Technologies (NICT) and geography in the curriculum knowledge of education plays in shaping students' basic education , and society is unquestioned . Accordingly, this article proposes aimed at analyzing the Internet as an important tool for geography lessons , suggestions paths pointing to its use in education , in the context of the teaching / learning of Geography . The study takes place in the research at the State School of Elementary and Secondary Education José Soares de Carvalho , located in Guarabira / PB . For this research, a study of the literature on the topic and a case study , through the application of a questionnaire on aspects related to training, the professional profile of teachers and their discourses on the use of the internet Geography lessons . The results report that the vast majority of respondents did not make use of Internet in their classrooms . For criteria , content and strategies used by teachers to make use of this tool , the data show that its use is still restricted to research topics. For teachers who do not make use of this media , the arguments also fail to reflect the lack of different ways to explore the geography using the web , and show a misconception about the cognitive consequences of its use , relating it to laziness and complacency . It is suggested , finally, the search for a reflective training on the use of media in teaching and learning , especially the use of the internet in the sense that they can transform their classes in a space of interactivity , contextualized to the reality that their students experience .

KEYWORDS : Geography , Internet , pedagogical practices , Basic Education .

SUMARIO

1.INTRODUÇÃO.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 Conceitos básicos de Hipertexto, Multimídia, Hipermissão, Imagem e Simulação	16
2.2 A internet como recurso pedagógico nas aulas de Geografia	17
3.METODOLOGIA.....	20
3.1. Tipo de pesquisa	20
3.2. Sujeitos envolvidos	20
3.3 Estratégias e Instrumentos de Coleta de Dados	20
3.4 Procedimentos de análise de dados	21
4.RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
4.1 A realidade e os desafios dos professores em relação ao uso da internet	22
4.2 A internet como ferramenta importante para as aulas de geografia	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

Há um tempo atrás, quando um aluno precisava tirar alguma dúvida procurava um professor, ou se precisava realizar alguma pesquisa teria que recorrer a uma biblioteca, e ali, levava horas e mais horas revirando livros antigos e muitos já ultrapassados em busca de um conhecimento que muitas vezes nem seria encontrado diante da limitação das instituições contidas nas cidades, especialmente as de interior.

Com o mundo o globalizado já era possível antes atualizar as pessoas com as realidades que estavam sendo vivenciadas em qualquer parte do mundo quase que simultaneamente, mais foi com a sua entrada da internet que a comunicação global deu um grande salto de diversidade e principalmente de interatividade, sem contar que os mesmos dados podem ser obtidos desde uma grande metrópole como em uma cidade de interior, tornando igualitária a informação para aqueles que tenham o acesso a rede, diferentemente dos meios de comunicação tradicionais, onde muitas vezes com controle determinado, os conteúdos oferecidos bem menores eram empurrado para as pessoas de cima para baixo.

Com o passar do tempo a internet gerou milhares de páginas e aplicativos voltados para a educação, o que coloca diante das pessoas a possibilidade de usufruir de uma infinidade de informações relacionadas a qualquer campo de estudo. Esse impacto, portanto, causou um divisor de águas também no modo de se ensinar, porque agora o professor tem diante dele um aluno com uma ferramenta capaz de responder qualquer questionamento através de um simples *click*, e essa comodidade não se prende somente ai, mais é fundamental principalmente na hora da elaboração de trabalhos.

Na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho (Colégio Estadual de Guarabira), são realizadas atividades com o uso de tecnologias. Alguns professores estão levando para sala de aula televisor e aparelho de DVD e data show para que possibilitem aos alunos alguma mudança nas estratégias de ensino e os retire da precariedade e da monotonia diária. A escola dispõe de rede wii fii liberada ao uso, de laboratório de computação e de ciências. Vale frisar que o governo do estado recentemente distribuiu para algumas turmas tablets, reforçando a idéia da inserção de tecnologias na educação.

Nesse sentido, o estudo se justifica por dois motivos que se correlacionam. O primeiro trata da minha experiência na docência, enquanto estagiário, onde fiz uso das mídias tais como, pesquisas na internet, PowerPoint, DVD etc na aplicação das minhas aulas. Na internet os alunos já aprendem os conceitos básicos como hipermídia, hipertexto, link e que a internet é uma janela aberta para a busca infinita do conhecimento.

O segundo motivo, de caráter científico, se mostra relevante uma vez que a proposta desse estudo não trata apenas do uso das TIC na área pedagógica, mas sim da inserção da internet na realidade escolar e os desafios desta no ensino de Geografia na educação básica, uma vez que ela consegue reunir um grande acervo das outras mídias, a escrita, falada e televisada em um único lugar. É importante conhecer como a busca de informação na internet, pode ser utilizada conjuntamente ou não nas atividades escolares favorecendo a construção de uma educação de qualidade. Em vista do exposto, Configura objetivo geral deste artigo, analisar a informática e mais especificamente a internet como ferramenta importante para as aulas de Geografia, apontando sugestões de caminhos para o seu uso na educação, com a possibilidade de dinamizar as aulas, especialmente de Geografia ministradas nas escola, podendo configurar uma fonte de pesquisa para outros trabalhos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Sobre a introdução da informática no ambiente escolar, Lopes (2004, p. 05) escreve um artigo apresentando alguns pontos bastante relevantes na preparação de um ambiente midiático. Para ele, existem quatro momentos fundamentais a serem destacados: o primeiro ocorre quando o educador percebe “o potencial da ferramenta” em sua metodologia; o segundo, quando o coordenador de Informática sugere mudanças na prática pedagógica.

No segundo momento, é apresentado ao educador novos métodos para o trabalho, buscando explorar as ferramentas adequadas ao uso da informática, como softwares, os simuladores e projetos. Entretanto, o autor chama a atenção para o desafio que a informática propõe ao educador que o leva a preocupar-se com o processo de aprendizagem, delimitando assim, o terceiro momento. Por consequência com a interdisciplinaridade que a informática pode oferecer, o professor tende a “reorganizar o saber, dando chance ao aluno de ter uma educação integral”. É nessa etapa que tanto a coordenação quanto à direção da escola, aliadas ao projeto pedagógico devem apoiar o educador. Sobre a interdisciplinaridade, se fazem relevantes os apontamentos de Sato e Passos (2003, p. 04):

[...] situando-nos no Terceiro Milênio, no qual os valores que estão em transição são caracterizados pela chamada “pós-modernidade”, a humanidade exige que cada especialista transcenda suas limitações, trazendo a perspectiva interdisciplinar em todas as áreas do conhecimento, permitindo um tratamento orgânico e integral a partir do qual as interações, injunções e mútuas implicações apontem para o caminho percorrido dos

processos e suas transformações, e não apenas para os dados de partida e os resultados finais, materializados em forma de produtos.

Aliando o que expôs Sato e Passos (2003) e ao que propõe Lopes (2004), pode-se afirmar que essa interdisciplinaridade está contida nas pessoas que pensam em um projeto educativo onde os conhecimentos se complementam, extrapolando a dimensão epistemológica, em torno de uma proposta pedagógica que é o processo de ensino aprendizagem. Nesse sentido, a formação do professor para o uso das tecnologias pode partir de qualquer disciplina e não especificamente da didática ou do estágio. Porém, esse ainda não é o momento em que ocorre a transcendência, pois o uso de mídias ainda não está integrado à prática do educador, constituindo-se em uma ferramenta meramente informativa. Nesse terceiro estágio mesmo participando de projetos ainda é latente a preocupação do professor com os conteúdos. A transcendência só ocorre no quarto e último momento. É nessa fase que se rompe a barreira dos muros da escola para se alcançar o mundo.

Quando ocorre a comunicação, a interação e a participação comunitária. Esse é o momento que, para o autor, ocorre a aprendizagem cooperativa. É, portanto, quando o educador passa a compartilhar os saberes em uma rede cooperativa de significados, preocupando-se com o processo de aprendizagem e não mais com os conteúdos. Estes são trabalhados em um contexto de coletividade, voltados para a interação e participação social em prol da formação cidadã. Nesse sentido, a aprendizagem é coletiva, em uma troca simultânea em tempo real entre os indivíduos em que todos tem algo a ensinar e algo a aprender, formando juntas uma “inteligência coletiva” (LOPES, 2004, p. 06).

Lopes (2004) pontua a importância da escola, como um único corpo, passar por todo esse processo, porém chama a atenção que a maioria das instituições ainda se encontra no segundo momento. Essa observação é bastante interessante, se pensarmos que muitas escolas em nosso país ainda não utilizam computadores adequadamente, e que ainda há nelas a falta de profissionais da área da informática para auxiliar o educador na construção do conhecimento. As escolas, em sua grande maioria, dispõem de tecnologia, entretanto é necessário que os educadores compreendam que o uso de mídias na escola, possibilita a (re)construção coletiva e participativa do conhecimento. Para tanto, deve-se evoluir desse segundo momento para o terceiro e quarto momentos, para se construir coletivamente o saber com ênfase no crescimento individual e na socialização de todos os envolvidos.

Portanto, para que haja uma verdadeira reforma educacional tecnológica objetivando a melhoria do processo de ensino e aprendizagem é imprescindível que as escolas sejam as

difusoras dos recursos tecnológicos, formando profissionais-usuários das tecnologias, conscientes e habilitados, Usuários sobretudo, no exercício de sua prática profissional.

As publicações do Proinfo disseminaram essa discussão consistente que se diferencia da abordagem instrucionista, a qual enfatiza o computador como suporte, como recurso tecnológico, da abordagem construcionista, que enfatiza os computadores “[...] como instrumentos com os quais trabalhar e pensar, como meios para realizar projetos, como fonte de conceitos para pensar novas ideias” (PAPERT, 1994, p.148).

É nesse contexto que se insere o uso da internet na escola. A palavra Internet é derivada da união de duas palavras em inglês, *international network*, que significa rede internacional e designa a rede mundial pública de computadores interligados, por meio do qual são transmitidos dados e informações para qualquer usuário que esteja conectado a mesma (LIMEIRA, 2003). A internet surgiu em decorrência da guerra fria, com a disputa tecnológica e armamentista entre a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS e os Estados Unidos da América – EUA. Segundo Afuah e Tucci (2001), a concepção básica da estrutura física da Internet nasceu da preocupação dos militares dos EUA com um bombardeio nuclear que pudesse destruir seus centros de controle. Desse temor surgiu a idéia de uma rede de comunicação descentralizada, auto-gerida e sem controle unificado (XEXEO, 2003)

Com a ajuda financeira da *Advance Research Projects Agency*¹ (ARPA), alguns pesquisadores vinculados às universidades americanas conseguiram, em 30 de agosto de 1969, conectar dois computadores em locais diferentes, a Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) ao SRI - Stanford Research Institute (Instituição de pesquisa sem fim lucrativos), Califórnia, nascendo assim a ARPANET. Sobre a criação da ARPANET, Deitel (Ano apud RIBEIRO, 2007, p. 4) assim expõe:

[...] a rede foi projetada para operar sem controle centralizado. Isso significava que, se uma parte da rede falhasse, as restantes que estivessem funcionando ainda conseguiriam rotear os pacotes dos remetentes para destinatários por caminhos alternativos.

Crescendo rapidamente, a rede passou a conectar praticamente todas as universidades americanas e de vários outros países, incluindo centros de pesquisas e algumas indústrias ligadas à área de defesa. Com o crescimento do tráfego, a *National Science Foundation* (fundação nacional de ciências), sediada nos Estados Unidos, assumiu a responsabilidade de providenciar os serviços de *backbone* (tronco de linhas de alta

¹ Agência de Pesquisa em Projetos Avançados

velocidade), liberando posteriormente o acesso para outros usuários, o que permitiu o nascimento da Internet comercial com a estrutura conhecida atualmente.

As redes acabaram por criar uma comunidade, que trocava entre si informações através das listas de correspondência (*mailing lists*), embora não houvesse ainda uma possibilidade de comunicação entre as diversas redes independentes. Assim, a ARPA estabeleceu, no início dos anos 80, o TCP/IP, um protocolo de comunicação geral entre redes. Com a utilização do TCP/IP por diversas instituições de pesquisa, uma “rede de redes” estava se formando, permitindo que os usuários compartilhassem suas informações: surgia a INTERNET (ARAÚJO, 2007).

Em 1991, a *National Science Foundation* transferiu suas responsabilidades para o Advanced Network & Services (ANS) (serviço de rede avançado), que deveria procurar usuários comerciais para o que era previamente uma rede acadêmica. Com isso, empresas privadas aumentaram seu interesse pela exploração comercial da Internet, cujos negócios abrangem desde assinaturas de acesso, até publicidade e venda de produtos. Com o passar do tempo, foram desenvolvidas novas tecnologias na confecção de sites que facilitavam a navegação e o modelamento de acordo com o contexto da empresa, isto é, a personalização do espaço virtual. Este advento propiciou a muitos empreendimentos mudar seu foco e estabelecer uma identidade própria na grande rede de computadores. O internauta deixou de ser um mero navegador para tornar-se um cliente, virtual quanto ao aspecto físico, mas real quanto à capacidade de consumo.

De acordo com Hofman e Novak (apud ARAÚJO, 2007, p. 12), a Internet possui características únicas, que a distingue do ambiente de comunicação tradicional em significativos aspectos. Em maio de 1995, formou-se o Comitê Gestor Internet/Brasil com a finalidade de coordenar, disciplinar e fomentar o desenvolvimento de serviços Internet no país; recomendar padrões e procedimentos técnicos e operacionais para a Internet; coordenar a atribuição de endereços Internet, o registro de nomes de domínios e a interconexão de *backbones*²; e coletar, organizar e disseminar informações sobre os serviços Internet. Desde então, a internet vem se espalhando rapidamente no Brasil.

Ao analisar a contextualização histórica da internet, percebemos sua constante expansão devido às novas tecnologias da informação e de telecomunicações. Estas tecnologias tornam-se estímulos importantes ao crescimento econômico da sociedade, sendo

² *Backbones* são linhas tronco de fibra ótica que formam o esquema de ligações centrais de um sistema, possibilitando a comunicação em qualquer parte do planeta.

indiscutível que termos como "digitalização de serviços" e "Internet" são eleitos como fundamentais pelas mais diversas instituições.

O emprego apropriado da TIC pode garantir grandes benefícios à educação no emprego de tecnologias, como: *hardware*, *software*, bancos de dados, rede mundial de computadores, internet, DVD e outros, são armas capazes de aumentar o rendimento escolar e aproximar o aluno da escola e do conhecimento. Sobre isso Stefanello (2008, p. 115) argumenta que, " [...] No ensino de Geografia, como em outros campos, podemos empregar softwares educativos, jogos pedagógicos e estimular a pesquisa utilizando a internet". Nesse sentido, através de sua utilização, alunos e professores podem participar de listas de discussões temáticas pelo mundo todo, ou conectarem-se a diversas outras redes permitindo a troca de informações, discussões sobre experiências e resultados de pesquisas, o acesso a informações disponíveis em bancos de dados nacionais e internacionais (PRETTO, 1996).

Os assuntos são os mais diversos e há a possibilidade de se criar listas novas com assuntos que digam dos nossos interesses particulares, que na rede, se tornam coletivos. Porém, se por um lado, o uso das tecnologias da informação passam a ter cada vez mais valor e utilidade, na educação a disponibilidade e ao adequado uso destes recursos, tornaram-se um objetivo profissional a ser conquistado. Assim, para aproveitar ao máximo seus recursos é preciso oferecer aos profissionais envolvidos uma sólida formação básica e prepará-los para uma nova gestão social do conhecimento. Além disso, Stefanello (2008) lembra a necessidade de acompanhamento e orientação do professor nas pesquisas feitas na internet para se evitar cópias descontextualizadas e incoerentes. Para tanto o docente deve estar comprometido com seu papel, assumindo uma postura crítica quanto ao uso da mídia na escola.

Segundo Papert (1994), a internet abre oportunidades sem precedentes para a ação a fim de melhorar a qualidade do ambiente de aprendizagem, uma vez que é um grande campo para busca e acesso a informação, cabendo ao professor orientar sobre o que pesquisar e com que objetivo, sem no entanto censurar o aluno, pois no uso dessas tecnologias podemos aprender de muitas formas, em lugares e de formas diferentes. A internet também pode ser usada para comunicação, favorecendo a criação de redes de conhecimentos que permitem conexões entre pessoas, ideias, conceitos, crenças e valores, conforme é exposto a seguir:

Por meio de interações favorecidas pela TIC, cada participante do grupo confronta sua unidade de pensamento com a universalidade grupal, navega entre informações para estabelecer ligações com conhecimentos já adquiridos, comunica a forma como pensa, coloca-se aberto para compreender o pensamento do outro e, sobretudo, participa de um processo de construção colaborativo, cujos produtos decorrem da representação

hipertextual, comunicação, conexão de idéias no computador, levantamento e teste de hipóteses, reflexões e depurações (ALMEIDA, 2005, p.72).

O Computador e a internet permitem ainda, uma atividade que coloca o aluno diante deles como um manipulador de

situações que imitam ou se aproximam de um sistema real ou imaginário. Na construção de um programa é possível ao aluno propor e coordenar uma variedade de conteúdos e formas lógicas (o grau de complexidade varia em função do domínio do usuário), propor questões, formular problemas, definir objetivos, antecipar possíveis respostas, buscar informações, desenhar experimentos e validar respostas obtidas. Além disso, torna possível a publicação de jornais, livros, revistas, folhetos, mantendo as características de uso social, por meio de *softwares* que permitem a editoração eletrônica.

Cavalcante e Biesek (2009) exemplificam o uso da internet para o ensino de Geografia como estratégia metodológica que possibilita os alunos na articulação da leitura geográfica dos processos sociais, no exercício da cartografia e mapeamento, a partir dos temas, como: dinâmica populacional, urbanização e geoeconomia. Silva e Chaves (2001), por sua vez, citam os aplicativos como o *Google Maps* e *Google Earth* como possibilidades de instrumentos para o estudo da hidrografia, geografia urbana, geomorfologia, climatologia, ecologia, geologia, entre outros. Sem atribuir necessariamente uma ordem que caracterize cronologicamente ou que atribua valores aos tópicos, são apresentados a seguir alguns recursos que vêm sendo utilizados em ambientes virtuais de aprendizagem.

2.1 Conceitos básicos de Hipertexto, Multimídia, Hiperlinks, Imagem e Simulação

O hipertexto permite uma interação rápida entre um texto base e outros textos complementares, a partir de uma conexão por meio de nós através do computador. É importante assinalar que estes nós não fazem apenas a ligação entre textos, mas também entre outros recursos, como imagens e animações. Chermann (1998), fala que o hipertexto torna-se um dispositivo ou meio de tratamento e apresentação da informação, onde o texto, as imagens e os sons estão associados entre si, em uma complexa e imensa rede não-linear (de dados) em um sistema de informática. Guerra (2000) afirma que, com o hipertexto, surgem novas formas de escrever (de forma fragmentada) e de ler (batizadas de navegação), de maneira completamente diferente de como acontece com o texto tradicional.

Para Assis et al (2002 p. 12), Os pontos ativos permitem que o usuário salte entre tópicos interligados e o índice permite que o usuário localize assuntos específicos com base

em palavras-chave, de forma que assim que o usuário se depare com uma informação que lhe gere alguma dúvida, ele pode clicar sobre tal informação e automaticamente ele será conduzido a diversas outras informações que expliquem ou complementem aquela outra.

Segundo Assis et al (2002, p.10), o termo multimídia é usado para a combinação de textos e imagens na tela do computador. “Multimídia é hoje definida como qualquer combinação de textos, gráficos, sons, animações e vídeos através do computador ou outro meio eletrônico”. Chaves (1991) conceitua multimídia como a apresentação e recuperação de informações mediante auxílio do computador, porém de maneira multissensorial, integrada, intuitiva e interativa. Para Martins e Telles (1998), a multimídia integra várias técnicas ou formas de expressão, proporcionando um grande avanço no processo de comunicação e de ensino, revelando-se como uma ferramenta potencialmente útil nos processos educativos.

A hipermídia, além de possuir a capacidade de trabalhar com nós e combinação de mídias, pressupõe também a conexão à rede de computadores, para que os conteúdos possam ser amplamente interligados, facilitando a atualização dos dados. Assis et al (2002) define hipermídia como aquilo que manipula um conjunto de informações, pertencendo a diferentes tipos de mídia (texto, som, imagem e outros) permitindo que estas informações possam ser recuperadas de forma não-linear, através de diversos caminhos de acesso disponíveis.

As imagens configuram informações não textuais apresentadas de forma bidimensional e estáticas, a exemplo de desenhos, fotos, esquemas, gráficos, e outros. Para Chermann (1998), a linguagem visual tem participação direta na origem da escrita, uma vez que foi a primeira forma gráfica de expressão do pensamento imagístico.

Simulação é a capacidade de interação do usuário com o conteúdo, não apenas na forma de visualização dos dados, mas também como forma de interferir nestes dados, podendo, nesse recurso, fazer-se uso de hipertextos, multimídia, hipermídia e imagens, ao todo ou em parte destes. Naylor et al. (1971) descreve que, antes do século XVII, predominavam os métodos dedutivos de filósofos como Platão e Aristóteles. Com o passar do tempo, houve um crescimento na busca pela resolução de problemas por meio de uma analogia com a realidade. A impossibilidade de testar técnicas e hipóteses de resolução diretamente no sistema real levou o ser humano a métodos como o de simulação.

2.2 A internet como recurso pedagógico nas aulas de geografia

O ensino de Geografia possibilita ao aluno a compreensão da realidade, entendendo que esta é uma construção social sobre a natureza; uma construção internamente diferenciada,

não podendo essa diferenciação interna ser mascarada. Faz-se necessário um repensar constante sobre o ensino de Geografia, os quais precisam estar contextualizados com o espaço escolar, e, conseqüentemente, levar em conta as especificidades da cidade e do campo.

O cerne desta ciência, contraditoriamente à própria gênese da palavra, não é, no nosso ponto de vista, nem a Terra (= geo) nem tão pouco a descrição (= grafia), mas sim o espaço geográfico entendido como aquele espaço fruto do trabalho humano na necessária e perpétua luta dos seres humanos pela sobrevivência. Nessa luta, o homem usa, destrói/constrói/modifica a si e a natureza. O homem faz geografia à medida que se faz humano, ser social (KAERCHER, 2003, p. 13).

Acredita-se que a docência da Geografia intra e extra salas de aulas, relacionadas a estudos teóricos baseados nas necessidades das comunidades, construirão a Geografia real. Não se trata de aplicar modelos pré-estabelecidos, mas possibilitar formas para que os profissionais experimentem novas metodologias de ensino, que venham ao encontro das necessidades concretas dos alunos produzindo, assim, saberes reais. O professor deve engajar-se em busca de uma escola diferente daquela de duas ou mais gerações que se pautavam no método tradicional, buscando promover uma interação entre os saberes pedagógicos e sociais, considerados indispensáveis para o bom desempenho do discente na área de Geografia.

Entretanto, a fim de alcançar os objetivos propostos para a efetivação do processo de ensino e aprendizagem, vários cuidados devem anteceder às ações pedagógicas do professor, dentre eles, saber quais conceitos vão além daqueles pertinentes à Geografia e se eles estão adequados à realidade do espaço em que vive o aluno. Essa avaliação se faz necessária porque as crianças, nem sempre, compreendem os conceitos usados pelos adultos, principalmente, aqueles emitidos na escola. Almeida (2001, p.10) não crê que se possa, de fato, ensinar conceitos. Além da “incompreensão” da dificuldade inerente de compreensão da realidade em que as crianças envolvidas se encontram, decorre, também, a forma como, na escola, os conceitos relativos à noção de espaço são trabalhados. Para discutir a importância do trabalho escolar sobre o espaço e sua representação, a referida autora se apóia em três pontos básicos:

A construção da noção de espaço pela criança por meio de um processo psicossocial no qual ela elabora conceitos espaciais através de sua ação e interação em seu meio, ao longo de seu desenvolvimento psicobiossocial; A importância do aprendizado espacial no contexto sócio-cultural da sociedade moderna, como instrumento necessário à vida das pessoas, pois esta exige certo domínio de conceitos e de referenciais espaciais para deslocamento e ambientação: e mais do que isso, para que as pessoas tenham uma visão consciente e crítica de seu espaço social; Preparo para esse domínio espacial é, em grande parte, desenvolvido na escola, assim como o domínio da língua escrita, do raciocínio matemático e do pensamento científico, além do

desenvolvimento das habilidades e da educação corporal. (ALMEIDA, 2001, p. 10).

Para o aluno, a representação do espaço envolve traços muito próximos do real, já que, com relação a um espaço distante, a realidade é o ponto de partida e de chegada, ele deve extrair elementos da observação para, a partir disso, construir conceitos. Mesmo que o professor adote o livro didático ou ainda apostilas que trazem muitas das representações espaciais, é necessário explorar outros recursos, pois muitas vezes as representações se apresentam descontextualizadas aos textos ou sem explicações complementares.

Em síntese, podemos concluir que o computador e internet, estão presentes no nosso dia a dia, tornando-se hoje indispensável também nas escolas, sendo uma arma importante para combater a ignorância que ainda marca o mundo hoje, sobretudo em países como o nosso, que apresenta grandes diferenças regionais, sociais e culturais. Como utilizá-los tirando o máximo proveito dos seus recursos é um grande desafio, que deve ser encarado com muita paciência, pois com eles não só ensinamos, mas também aprendemos.

Devemos então repensar todo o processo, inclusive os currículos; reaprender a ensinar, isso porque os novos paradigmas para a educação contemplam a inserção das novas tecnologias de comunicação em ambientes de ensino/aprendizagem para privilegiar a obtenção e organização do conhecimento, possibilitando ao indivíduo uma visão global do mundo, valorizando a inovação e a descoberta como etapas fundamentais para transformar a escola no templo do aprender a aprender. O homem busca a integração, a harmonização das formas de apreensão e percepção do mundo e, nesse contexto, o ambiente virtual constitui a mais recente tecnologia para a integração e contextualização do saber (LEÃO, 2001).

Nesse sentido, estando em sintonia com os anseios dos seus alunos e da sociedade, os professores devem buscar oferecer ensino de alto padrão qualitativo, em acordo com o nosso tempo e capaz de preparar o estudante para o seu futuro. É preciso pois preparar professores e alunos não só para utilizarem a internet como instrumento de aprendizagem, mas também para que usufruam de suas possibilidades e principalmente, que aprendam a fazer intervir o conhecimento, a cultura elaborada, para atribuir significado à informação vinda das mídias.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

Considerando o objetivo, a pesquisa foi desenvolvida na linha metodológica da qualitativa, sob a forma de estudo de caso, viabilizando a participação ativa do pesquisador na constituição do conhecimento para a análise do objeto em estudo, buscando assim qualificar e atribuir um grau de importância aos resultados obtidos a partir da ponderação baseada na percepção do pesquisador e sustentada nos aportes teóricos sobre o tema que serão obtidos em livros, testes, artigos científicos ou demais meios da literatura pertinente ao assunto.

No que se trata do estudo de caso, esta é a abordagem de investigação simples ou aplicada, que consiste na utilização de um ou mais métodos de recolha de informação, não seguindo uma linha rígida de investigação. O caso consiste geralmente no estudo aprofundado de uma unidade individual, tal como: uma pessoa, um grupo de pessoas, uma instituição, um evento cultural, etc. No caso deste estudo trata-se de professores de Geografia que lecionam no ensino público do Colégio Estadual José Soares de Carvalho, na cidade de Guarabira, PB. Para Oliveira (2007), o estudo de caso busca fundamentos e explicações para determinado fato ou fenômeno da realidade empírica. No presente trabalho optamos por uma pesquisa de campo com característica qualitativa, configurando-se em um estudo de caso.

3.2 Sujeitos envolvidos

Participaram dessa pesquisa uma amostra composta por cinco professores de Geografia do Ensino Básico que fazem parte da E.E.E.F.M José Soares de Carvalho, Colégio Estadual, situada na cidade de Guarabira/PB, apresentando como critérios para seleção de amostra os seguintes itens: estar em sala de aula e consentir em participar da pesquisa.

3.3 Estratégias e Instrumentos de Coleta de Dados

Quanto ao instrumento da pesquisa, recorreu-se ao questionário com perguntas semi-estruturadas de múltiplas escolhas e perguntas abertas. O questionário teve por objetivo levantar os dados acerca de questões relacionadas com o tema pesquisado, como perfil do entrevistado, dados profissionais, perfil pedagógico e cultural e questões relativas ao tema investigado.

Na primeira parte do questionário, que referiu-se ao perfil do professor, as questões estavam relacionadas à idade e ao estado civil dos docentes.

A segunda parte referiu-se aos dados profissionais e perfil pedagógico. Nessa parte nossos questionamentos basear-se-ão no tempo de trabalho do professor, o nível de formação acadêmica e o ano de conclusão e se o professor frequentava algum curso de formação no momento da realização da pesquisa.

Na terceira parte, as questões referiram-se especificamente ao tema investigado. Primeiramente questionaremos os professores quanto ao uso ou não da internet em suas aulas. Se o professor respondesse positivamente a essa questão, deveria descrever em qual(is) atividade(s) utilizava e quais os critérios utilizados na seleção da(s) atividade(s). Além disso, deveria citar alguns conteúdos de Geografia nos quais utilizava a mídia digital em sala de aula, para trabalhá-los.

Solicitamos também que o professor fizesse um breve comentário sobre alguma aula que ministrou utilizando a internet, descrevendo os resultados quanto à aprendizagem. No caso do professor que não utiliza, questionamos o porquê desse não uso. Tanto para os professores que usam, quanto para os que não à utilizam, questionamos se acreditavam que o uso da internet contribuía ou prejudicava a aprendizagem do aluno. Por fim, questionamos se o professor participa ou participou de algum curso de formação que explore a mídia digital.

3.4 Procedimentos de análise de dados

Para análise dos dados referentes a aplicação dos questionários, optamos por classificá-los em categorias identificando o professor entrevistado por um número e utilizando uma das falas como amostragem. Para tal, elencamos as seguintes categorias de análise:

Categoria 1 – Utilização da internet: critérios, conteúdos e seleção das atividades.

Categoria 2- Resultados quanto a aprendizagem em geografia.

Categoria 3 - Experiências com aulas ministradas e a internet.

Categoria 4 - Não utilização da internet nas aulas de Geografia.

Categoria 5 – Contribuição da internet para a aprendizagem do aluno.

Categoria 6 - Prejuízos para a aprendizagem do aluno.

Categoria 7 - Participação de algum curso de formação que explorou uso da internet no ensino.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção tratamos da identificação do uso da internet no ensino de geografia, a partir de três eixos aos quais nos propomos analisar: realidades, desafios e propostas. Nesse sentido a seção trata de apresentar os resultados da pesquisa efetuada, iniciando-se com a apresentação da realidade e dos desafios dos professores em relação ao uso da internet, buscando identificar a relação entre os assuntos desenvolvidos com o uso dessa tecnologia. A seguir, voltando-se terceiro eixo, propostas, fazemos uma descrição de como a internet pode auxiliar pedagogicamente essa disciplina escolar.

4.1 A realidade e os desafios dos professores em relação ao uso da internet

Observando as respostas dos professores entrevistados, dois professores relataram que utilizam a internet com seus alunos para o ensino de geografia e três professores relataram que não a utilizavam. Nesse sentido os entrevistados que afirmaram utilizar a internet responderam as seguintes questões:

3.1.1 – Em qual(is) atividade(es) você utiliza internet?

“Pesquisas e exercícios de fixação e em aulas sobre paisagem e relevo”
(Professor 1).

“Exercícios escritos elaborados para o uso da internet desenvolvendo estratégias para efetuar a localização de cidades, rios, montanhas e outros”
(Professor 3)

Os resultados obtidos nos que contém temas que podem ser desenvolvidos por meio do *Google maps* ou *Google earth*. De acordo com Silva e Chaves (2011), o uso da internet pode possibilitar ao aluno a compreensão das mensagens e das facilidades de comunicação de que a sociedade dispõe, e que, no futuro o desenvolvimento dessas mensagens e facilidades de comunicação, desempenharão papel cada vez mais importante.

Nesse sentido, o discurso do Professor 3 representa um avanço na medida que informa a utilização dessa tecnologia no desenvolvimento de estratégias para o ensino de Geografia, entretanto, chamamos a atenção quanto à percepção do professor 1 em que subtende-se o uso desse instrumento apenas como ferramenta operacional para pesquisas.

3.1.2 – Quais são os critérios que você utiliza na seleção das atividades para utilização da internet?

“O uso da internet é liberado em conteúdos que não são aplicados com frequência no dia a dia” (Professor 1).

“Viabilidade, praticidade, aulas lúdicas, manuseio correto e eficaz do computador” (Professor 3).

De acordo com a resposta dos professores, os critérios apresentados para a utilização da internet são diversos: para o professor 1, o critério se limita à resolução de atividades quando na apresentação de conteúdos e sem muita frequência; em relação ao professor 03, já se percebe uma intenção de tornar este instrumento um mediador da aprendizagem aliado ao lúdico ou orientando sobre sua manipulação, por exemplo. Infere-se dos resultados obtidos que o professor 1 utiliza a internet apenas como recurso para aplicação de conceitos e que os professores 3 busca estratégias mais contextualizadas para inserir essa ferramenta nas atividades pedagógicas em sala de aula.

3.1.3 – Cite alguns conteúdos de Geografia nos quais você utiliza a internet.

“Meio ambiente, sustentabilidade, clima, relevo” (Professor 1).

“Aulas sobre relevo, localização, coordenadas geográficas, paisagens, representação gráfica, superfície terrestre, entre outros. (Professor 3)

Segundo os dados, os professores utilizam a internet em situações que envolvem conteúdos diversificados e que vão ao encontro do exposto por Vesentini (2004), quando afirma que os conteúdos de geografia devem se articular com explicações mais integradoras da realidade virtual e cotidiana dos alunos, devendo a geografia ser concebida como um estudo integrado de diversos elementos naturais e sociais. Entretanto, os resultados apontam assuntos específicos, como Meio ambiente, clima, relevo, localização, coordenadas geográficas, paisagens, representação gráfica, superfície terrestre, entre outros, o que nos leva a inferir que seu uso foi meramente para pesquisas *online*, faltando a esses o conhecimento sobre os múltiplos usos de aplicação da web na comunicação dos assuntos escolares.

3.1.4 – Faça um breve comentário sobre alguma aula que ministrou utilizando a internet, descrevendo os resultados quanto a aprendizagem.

“O uso da internet é permitido, porém tomo o cuidado de nas aulas incentivar a aprendizagem da geografia. Já passei seminários para os alunos sobre sustentabilidade ambiental e percebi as funções da internet na pesquisa. A aula foi muito participativa” (Professor 1).

“Para manusear a internet é necessário ter habilidades, pois ela é apenas um recurso. Ela nos disponibiliza a criatividade e a motivação, lembrando que essas aulas são específicas e tem um bom resultado, mas é preciso o professor realizar pesquisas e adequar os instrumentos que ela oferece às aulas planejadas.” (Professor 3)

As respostas do professor 01 sobre suas experiências revelam um resultado conflitante, pois anteriormente ele falava da internet em situações de investigação e pesquisa e agora já percebe sua importância de uma forma mais atuante. Já o professor 3, fala da internet

ser “apenas um recurso”, embora chame a atenção para seu uso causar uma motivação no estudo.

De acordo com Mercê e Ponte (2008), as concepções levam os professores a assumirem determinada prática, embora essas experiências vivenciadas também tenham implicações nessas concepções, fazendo ele buscar adaptar sua resposta às questões propostas, alterando seu entendimento e nesta mudança podem revelar elementos determinantes de suas práticas em sala de aula.

Com base no exposto, podemos inferir que os professores 1 e 3 se esforçam e buscam promover práticas motivadoras para o uso da internet em sala de aula, porém ainda lhes faltam reflexões e desenvolvimento profissional para a utilizar seu uso, daí o possível conflito entre as respostas apresentadas. Vejamos as respostas dos três entrevistados que não utilizam a internet em sala de aula. Eles responderam a seguinte pergunta:

3.2 Se você não utiliza a internet nas aulas de Geografia, explique o porquê.

“Não utilizo, porque os alunos devem se habituar ao estudo mental uma vez que a mesma não é permitida nos concursos públicos.” (Professor 2)

“Em minha opinião o uso da internet em alguns conteúdos atrapalha o desempenho dos alunos. Mas é claro que existe exceções que o uso dela não atrapalha a aprendizagem”. (Professor 4)

“Não acho conveniente o uso da internet pois, acredito que os alunos ficam viciados, não querendo mais pensar e não procurando as respostas por conta própria, não faz raciocinar”. (Professor 5)

Segundo as respostas, os professores desconhecem as possibilidades de uso da internet como recurso didático, o professor 2 utiliza como argumento que o aluno não poderá fazer uso das NTICs em concursos públicos ou vestibulares, entretanto esses certames na atualidade tratam de competências e habilidades que vão além de mera leitura e acepção de conceitos decorados na escola, exigem sim do aluno competências para a resolução de problemas relacionados às questões da vida real, a exemplo do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que apresentam a Geografia por meio da transversalidade, exigindo do aluno o desenvolvimento de um raciocínio em sintonia com seu tempo e realidade.

Outra resposta diz respeito à internet desmotivar o raciocínio ou “viciar” o aluno a não pensar. Essa percepção nos leva a inferir que falta critérios por parte dos professores quanto à seleção de atividades e metodologias em relação aos conteúdos para as aulas de Geografia. Já o professor 4, tratou de informar que, embora não exista o uso da internet em suas aulas, está ciente que seu uso pode auxiliar o aluno em muitos conteúdos. Esse resultado

nos mostra que o ele está aberto para sua utilização e, talvez o que o impeça de utilizar seja a falta de formação ou as estratégias para a usar essa ferramenta em comunhão com suas aulas.

3.3 Você acredita que o uso da internet contribui ou prejudica a aprendizagem do aluno? Justifique sua resposta (pergunta respondida pelos 5 entrevistados)

“Depende da metodologia. Contribuem significativamente para pesquisas, aprofundamento de conteúdos, ilustração de relevos, paisagens. Prejudica quando são realizadas pesquisas sem aprofundamento ou para colar respostas de atividades”. (Professor 1)

“Prejudica, pois os mesmos se acomodam com o não pensar com resposta pronta o que pesa muito em concurso” (Professor 2)

“Contribui, porque o mundo está globalizado e o aluno necessita manusear as máquinas da simples a sofisticada e as atividades com a internet são importantes para fazerem os alunos buscar relações entre diferentes representações geográficas.” (Professor 3)

“O uso da internet não pode se tornar um ciclo viciante, pois pode reduzir a capacidade de raciocínio do aluno e até torná-lo preguiçoso, porém a internet pode ser bem trabalhada”. (Professor 4)

“Prejudica pois hoje a maioria dos alunos têm preguiça de estudar, e o uso da internet atrapalha ainda mais sua aprendizagem”. (Professor 5)

Pelos resultados obtidos concluímos que os professores apresentam-se mais preocupados com o ensino de técnicas que envolvam conceitos geográficos que com a sua construção e compreensão das atividades. Fica claro que nos argumentos dos professores 2 e 5 existem percepções equivocadas quanto a internet, uma vez que a relacionam seu uso ao comodismo, à preguiça, à dependência, à limitação e ao vício dos educandos.

Entretanto, essa teoria não encontra respaldo, uma vez que ao fazer atividades habituais de resolução de questionários também não há raciocínio, posto que os procedimentos adotados por muitos professores são repetitivos, exigindo na maioria das vezes que o aluno decore conceitos sem o efetivo entendimento do significado das questões propostas. O problema não é usar ou não a internet, mas a metodologia aplicada sem compreensão e significados.

3.4 Você já participou de algum curso de formação que explorou o uso da internet no ensino de Geografia? Se sua resposta foi afirmativa especifique o(s) curso(s):

“Não”. (Professor 1)

“Não”. (Professor 2)

“Não”. (Professor 3)

“Não”. (Professor 4)

“Nunca participei”. (Professor 5)

Os dados obtidos revelam que os entrevistados não participaram de qualquer curso de formação que explorasse o uso da internet no ensino de Geografia. É importante pontuar que a formação docente deve considerar três princípios: a compreensão dos professores em relação aos temas a serem tratados, a pedagogia e o modo como os alunos aprendem, partindo de situações particulares e procurando levar o professor a generalizar tais princípios para as suas práticas e promover o seu desenvolvimento profissional, afinal a falta de formação faz a prática docente se tornar precária não produzindo significados. É notório que os docentes que lecionam geografia sejam sensibilizados quanto ao uso desse recurso tecnológico, como ocorre a aprendizagem de conteúdos e como essa ferramenta pode ser viabilizada nas situações de aprendizagem, de forma que possam incorporá-la e valorizá-la em suas práticas.

4.2 A internet como ferramenta importante para as aulas de geografia

Considerando a importância que a internet e a geografia têm na formação dos alunos da educação básica, e para a sociedade em geral, buscou-se na referência bibliográfica apresentar propostas que aliem esses dois objetos na prática escolar dos professores em seu cotidiano. Kalinoski (2013) nos informa que os SIGs (Sistemas de Informações Geográficas) através de hardwares e softwares específicos disponíveis gratuitamente na internet, permitem ao professor o trabalho com mapas por meio de imagens de satélites, visando desenvolver atividades diferenciadas com os alunos. Além disso, esse autor ainda cita o uso do *Google imagens*, *Google earth* e de atlas eletrônicos interativos no ensino de cartografia. De acordo com Ricarte e Carvalho (2011), o professor de geografia, pode fazer uso dos recursos da internet de forma mais ampla por meio da criação, por exemplo, de fóruns, salas de bate-papo virtuais (*chats*) e comunidades como as redes sociais.

[...] um professor de geografia pode criar uma comunidade específica das suas disciplinas, séries ou turmas, facilitando aos alunos tirarem dúvidas, como também a explanação de ideias debates sobre assuntos ou temáticas importantes da aula. Também permite aos alunos sugerirem sites de pesquisa ou discutirem algum tema que tenha sido abordado [...].

Ricarte e Carvalho (2011) ainda citam a ferramenta *Skype* – programa gratuito que permite a comunicação via áudio e vídeo por meio da web - como meio para que o professor possa tirar dúvidas dos seus alunos, proporcionando debates de conteúdos e a realização de tarefas e trabalhos em equipe com comodidade e conforto, diminuindo o tempo gasto nessas atividades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato que as mídias estão presentes em muitas escolas da rede pública em nosso país, e deveria se tratar ser redundante em pleno ano de 2014 falar da inserção da informática na educação, mais infelizmente não é bem assim que as coisas são quando levamos em consideração que na sua metodologia de ensino ela não é aproveitada ainda de forma efetiva, o que nos leva ao questionamento da escola ter parado no tempo, principalmente ao constatar que essa tecnologia ficou imprescindível no trabalho cotidiano tanto de uma simples loja de conveniência ao mais alto escalão do governo, então não se entende como educadores ainda pretendem aplicar suas aulas como era feito com o público da idade média.

Percebe-se que o trabalho que foi feito por parte dos responsáveis de constituir os parâmetros da educação, para descentralizar o poder do professor em sala de aula como era no método tradicional de ensino, teve no entanto em contra-partida muito pouca ação no que diz respeito a modificação com que as aulas são aplicadas, e o reflexo se tem no modo enferrujado com que elas são ainda conduzidas. É claro que este não é o único motivo da falta de interesse que leva a evasão escolar de alguns jovens durante o ano letivo, mais cabe refletir do quanto isto não veio contribuir para o aumento deste quadro.

Infelizmente a falta de preparo dos docentes começa na academia, que em meio as suas disciplinas na sua maioria de caráter teórico, (referencia feita por base na minha experiência como aluno universitário do curso de geografia da UEPB de Guarabira, Turma 2007.2) pouco prepara os profissionais para o trabalho com a TIC em conjunto com as suas futuras aulas, tornando essa compreensão ainda mais complicada quando se chega ao mercado de trabalho. Poderia esse ser o tal “método inovador” tão apregoado por alguns interlocutores na hora da formação dos currículos universitários, mais que deixam muito aquém o caminho que se deve tomar para por a teoria em prática. Depende portanto do interesse do próprio professor se atualizar e pautar sua prática pedagógica inserindo em seu contexto o uso das mídias, incorporando-as aos recursos metodológicos, contemplando os alunos com uma aprendizagem efetiva e de qualidade, mais fica complicado quando muitos docentes vêm na informática um bicho de sete cabeças, sequer dispondo de um curso de informática básico e alguns pasmem, sequer tem um endereço de email próprio.

Isto exposto, consideramos que o objetivo desse estudo foi alcançado, pois ficou evidenciada a importância da internet para a educação e os benefícios que ela poderia trazer para os professores e principalmente para a aplicação das aulas de Geografia. Foram também apontadas sugestões de caminhos para por em pratica seu uso partindo dos seguintes

questionamentos: O que pensam os professores sobre o uso da internet nas aulas de Geografia? O professor está utilizando a internet nas suas aulas? E, se está utilizando como está propondo as atividades para explorar esse recurso tecnológico? Pelas respostas, é possível perceber que há um desconhecimento quase que generalizado sobre o uso da internet como recurso, ao assinalar que ela impede o raciocínio e dificulta o processo de ensino-aprendizagem em geografia, a maioria dos docentes deixam claro que suas resistências se moldam no contexto da formação continuada. Nesse sentido, reitero que o maior desafio do professor se encontra em sua formação para uso dessa mídia em sala de aula. Por conseguinte, os dados revelam que outro motivo apontado pelos entrevistados seria evitar a acomodação do aluno, o vício em encontrar respostas prontas, levando a promover neles a preguiça mental e a limitação do raciocínio cognitivo. Esses argumentos deixam entrever que os docentes apresentam uma concepção equivocada sobre utilização dessa tecnologia no processo educacional, sem contar que muitos deles caem em contradição, já que sua metodologia se pauta em apontamentos e questionários que são entregues prontos para serem decorados.

Em relação aos professores que fazem uso da internet, os dados revelaram que estes vêm buscando conhecer e experimentar desse instrumento em suas aulas, entretanto, em seus discursos é possível perceber que a internet ainda é vista como uma mera ferramenta para agilizar a pesquisa temática, sendo este o objetivo central de suas estratégias. Nesse sentido, não se percebe uma adequação plena às propostas apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais PCN que recomendam a construção do conhecimento de forma crítica e reflexiva.

Os jovens são o alvo principal da escola quanto a educação, e a informática é sem dúvidas a linguagem desta geração. A WEB é usada para relacionamentos, entretenimento, diversão e trabalho, mais todo este potencial ainda não é explorado como deveria para o conhecimento. E isto não se deve em parte a falta de incentivo dos educadores, incapacitados de utilizarem dos benéficos que poderiam explorar desta ferramenta? Nesse sentido, acreditamos na necessidade de uma formação por parte deles focada em teorias que embasem as práticas pedagógicas em geografia, enfatizando a relação indissociável entre teoria e prática, de forma que o professor com capacitação realizada tenha consciência do alcance de sua atuação profissional no trabalho, implementando metodologias que possibilitem ao aluno se constituir como sujeito competente e, assim, (res)significar os sentidos da aprendizagem nesta disciplina, tendo a internet como um instrumento que oportunizará a aproximação da geografia com a realidade concreta.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosângela.D. **Do desenho ao mapa**: iniciação cartográfica na escola. São Paulo: Contexto, 2001.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Educação, ambientes virtuais e interatividade**. In: SILVA, Marco (Org.). Educação online: teorias, práticas, legislação e formação corporativa. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- ARAÚJO, S. T.; MALTEZ, M. G. L. Educação a Distância: retrospectiva histórica. In: Palma Filho, J. C. (Org.). **Revista Nexos**: estudos em comunicação e educação. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi, ano IV, n. 7, 2007.
- ASSIS, W. S.; BITTENCOURT, T. N.; MORONHA, M. **Desenvolvimento de recursos multimídia para o ensino de estruturas de concreto**. São Paulo: IBRACON, 2002.
- CAVALCANTE, Maria Madalena de Aguiar; BIESEK, Ana Solange. **O uso de tecnologia no ensino de geografia**: experiência na formação de professores. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009.
- CHAVES, E. P. C. **Multimídia**: conceituação, aplicações e tecnologia. Campinas: People Computação, 1991.
- CHERMANN, D. **Jogos de linguagem**: recortes analógicos e digitais. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.
- GUERRA, J.H.L. **Utilização do computador no processo de ensino aprendizagem: uma aplicação em planejamento e controle da produção**. (Dissertação de Mestrado). São Carlos: Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2000.
- KAERCHER, N. A. A Geografia é o nosso dia-a-dia. In: Antonio Carlos. **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. 4 ed. UFRS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros – seção Porto Alegre, 2003.
- KALINOSKI, Germano Luiz. **A internet como proposta de estudo dos conteúdos de geografia no ensino fundamental**. IV Congresso Internacional de Educação. VII Semana Acadêmica do Curso de Pedagogia da Uniamérica. 2013. Disponível em <http://www.uniamerica.br/congresso/congresso>. Acesso em 22 de outubro de 2013.
- LEÃO, Leão. **O labirinto da hipermídia**: arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- LIMEIRA, Tânia Maria V. **E-Marketing**: O Marketing na internet com casos brasileiros. São Paulo: Saraiva, 2003.
- LOPES, J.L. **A Introdução da Informática no Ambiente Escolar**. Revista online clube do professor, fevereiro de 2004. Disponível em: < <http://clubedoprofessor.com.br/artigos/artigojunio.pdf>.>. Acessado em outubro de 2013.

MARTINS, L. F.; TELLES, L. P. **Modelamento tridimensional**: tutorial multimídia. III Seminário Nacional a Informática no Ensino de Arquitetura. Campinas: FAU/PUC, 1998.

MERCÊ, Célia; PONTE, João Pedro da. Concepções, práticas lectivas e reflexão dos professores. **Quadrante**, Vol. XVIII, Nº 1 e 2, 2008.

NAYLOR, T.H.; BALINTFY, J.L.; BURDICK, D.S.; CHU, K. **Técnicas de simulação em computadores**. São Paulo: Editora Vozes, 1971

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças**: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PRETTO, Nelson de Luca. A educação e as redes planetárias de comunicação e as redes. In: **Revista Educação & Sociedade**, número 51, 1996.

RICARTE, Daniel de Brito. CARVALHO, Ana Beatriz Gomes de. As novas tecnologias de informação e comunicação na perspectiva do ensino de geografia. In. SOUSA, Robson Pequeno de; MOITA, Filomena M. C. da S. C.; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes (Orgs). **Tecnologias digitais na educação**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

SATO, Michèle; PASSOS, Luiz A. **Notas desafinadas do poder e do saber**. Contrapontos, Itajaí, v.1, n.3, 9-26, 2003.

SILVA, Ana Paula Amorim da; CHAVES, Joselisa Maria. **Utilização do Google Maps e Google Earth no ensino médio: estudo de caso no Colégio Estadual da Polícia Militar-Diva Portela em Feira de Santana-BA**. Anais XV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto - SBSR, Curitiba, PR: INPE, 30 de abril a 05 de maio de 2011.

STEFANELLO, Ana Clarissa. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de Geografia**. Curitiba: Ibpx, 2008.

VESENTINI, José William (Org.). **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

XEXÉO, Geraldo. **O Nascimento da internet**. In: Revista Ciência Hoje, nº 79, junho de 2003.